

**Um breve estudo sintático-formal sobre a estrutura básica da frase em português<sup>1</sup>**

---

**letrônica**

---

**Gabriel de Ávila Othero<sup>2</sup>****1 Introdução**

Neste artigo, iremos propor uma descrição sintática formal da ordem canônica – SVO – da frase em português brasileiro [PB]. Iremos apresentar algumas regras gramaticais de boa formação da sentença em PB, revisitando algumas análises sintáticas pioneiras em português. Adotaremos como formalismo sintático uma *phrase structure grammar* livre de contexto, seguindo de perto alguns princípios fundamentais propostos pela teoria X-barra *standard*.

Para nosso estudo da estrutura e descrição da sentença, adotaremos as duas projeções máximas **IP** (sintagma flexional, do inglês *inflectional phrase*); e **CP** (sintagma complementizador, do inglês *complementizer phrase*), seguindo modelos correntes de descrição gramatical que utilizam o formalismo da teoria X-barra. Tentaremos formalizar propostas interessantes de descrição sintática da estrutura da frase em português (como Pontes, 1973, Lobato, 1975 e Perini, 1989, 2000), **ampliando** seu poder de descrição em alguns casos, **atualizando** as análises em outros casos, utilizando, para esse fim, o modelo proposto pela teoria X-barra.

Começaremos por aquelas sentenças que apresentam “locuções”, ou agrupamentos verbais, – construções com **verbos auxiliares + verbos principais**. Baseamo-nos principalmente em dois trabalhos pioneiros que se debruçaram sobre as construções de

---

<sup>1</sup> Agradeço ao Parecerista anônimo desta revista pelas sugestões de melhoria deste artigo.

<sup>2</sup> Gabriel de Ávila Othero é formado em Letras Português/Inglês e Letras Português pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS; Especialista em Estruturas da Língua Portuguesa pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA; Mestre em Letras, área de Linguística Aplicada, e Doutor em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

“locuções verbais”, Pontes (1973) e Lobato (1975).

## 2 Sentenças com verbos auxiliares

Pontes (1973) e Lobato (1975) se debruçaram sobre o assunto das “locuções verbais”<sup>3</sup> para tentar conceituar o que realmente é uma construção com um verbo auxiliar, distinguindo-as de outras estruturas que apresentam uma sequência de dois ou mais verbos.

Apesar dos numerosos estudos sobre as “orações complexas” em português desde os trabalhos pioneiros de Pontes (1973) e Lobato (1975), a tradição gramatical não parece ter se beneficiado dos resultados obtidos por esses trabalhos, como fica fácil de perceber se consultarmos algumas gramáticas modernas de língua portuguesa, que ainda trazem nomenclatura confusa quando lidam com termos como *locução verbal*, *oração*, *verbo principal* e *verbo auxiliar*. Gonçalves (1996, p. 7), que analisou 49 construções verbais compostas comumente relacionadas em gramáticas normativas da língua portuguesa, relata que

existem em Português e noutras línguas construções em que ocorre uma sequência de verbos que, nalguns manuais de análise linguística elaborados no quadro da Gramática Tradicional, é designada por **locução verbal** e definida como “(...) a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama **principal** (...)” (Bechara, 1963: 110)

Assume-se, assim, a existência de duas grandes classes de verbos: os **auxiliares** (Vaux) e os **principais** (Vprinc). Sendo esta distinção unanimemente aceite, seria de esperar que a delimitação dos membros de cada classe fosse também unânime. No entanto, a partir da leitura de algumas das chamadas Gramáticas Tradicionais, é difícil chegar a uma conclusão sobre quais os verbos que pertencem a cada uma das classes acima mencionadas (...). (grifos da autora) (GONÇALVES, 1996, p.07)

As construções chamadas tradicionalmente de “locuções verbais”, na verdade, servem de rótulo para ao menos dois tipos distintos de estruturas: (i) uma estrutura com um verbo auxiliar na posição de **Infl** (núcleo do IP) e um verbo principal (núcleo de VP); e (ii) uma estrutura com duas orações distintas, ou seja, com dois verbos principais que ocupam a posição nuclear de dois VP distintos. Iremos analisar sentenças como as seguintes:

(1) João vai gostar do filme.

(2) João parece gostar do filme.

---

<sup>3</sup> Chamaremos de “locuções verbais” toda a sequência de verbo auxiliar + verbo principal. Mas manteremos o termo entre aspas por sabermos que há muita confusão terminológica envolvendo o rótulo “locuções verbais”.

Apesar de terem estruturas aparentemente idênticas [DP V<sub>flexionado</sub> V<sub>infinitivo</sub> PP], essas sentenças são estruturalmente distintas. Em (1), temos um verbo auxiliar seguido de um verbo principal; em (2), temos dois verbos principais. Sabemos disso porque podemos aplicar alguns “testes de auxiliaridade” que nos indicam se estamos lidando com uma construção que apresenta dois verbos plenos ou com uma estrutura de verbo auxiliar mais verbo pleno. Por exemplo, um verbo auxiliar não costuma permitir a negação de seu verbo principal. Em uma construção com dois verbos plenos, ao contrário, podemos negar tanto o primeiro como o segundo verbo.

- (3) a. O João vai gostar do filme.  
b. O João **não** vai gostar do filme.  
c. \*O João vai **não** gostar do filme<sup>4</sup>.
- (4) a. O João parece gostar do filme.  
b. O João **não** parece gostar do filme.  
c. O João parece **não** gostar do filme.  
d. O João **não** parece **não** gostar do filme.

Isso acontece porque o auxiliar não tem conteúdo proposicional que possa ser negado. Podemos ter apenas **uma** negação por agrupamento verbal<sup>5</sup>.

Outro teste de auxiliaridade que podemos aplicar envolve elementos modificadores de tempo. Se estivermos frente a uma estrutura com dois verbos plenos, é possível modificar cada um deles com um modificador temporal distinto, sem tornar a frase agramatical. Entretanto, se estivermos diante de uma construção com verbo auxiliar, fica impossível modificar cada um dos verbos com modificadores temporais diferentes.

- (5) a. João tinha ido à praia ontem.  
b. \*Na semana passada, João tinha ido à praia ontem.
- (6) a. João queria ir à praia depois de amanhã.

---

<sup>4</sup> O asterisco marca uma sentença agramatical na língua.

<sup>5</sup> Evidentemente, em alguns dialetos do PB, podemos ter mais de um elemento negativo na frase, mas apenas **uma** negação verbal atuando sobre o conteúdo proposicional, como no seguinte exemplo:

A: Você viu Maria por aí?  
B: Não, não vi ela não.

b. Ontem à noite, João queria ir à praia depois de amanhã.

Cada verbo principal aceita uma modificação temporal distinta, enquanto o verbo auxiliar, por lhe faltar conteúdo proposicional, falha ao receber modificação temporal.

Um último teste comumente aplicado para identificarmos os verbos auxiliares consiste no teste de s-seleção do sujeito verbal. Um verbo auxiliar, sendo um **núcleo funcional**, não apresenta restrições semânticas em relação a seu argumento externo, ou seja, em relação ao sujeito da sentença. Um verbo pleno, ao contrário, justamente por ser um **núcleo lexical**, s-seleciona seu argumento externo<sup>6</sup>:

(7) a. A Maria vai cair!

b. A Bovespa vai cair!

c. Minha gramática vai cair!

(8) a. A Maria odeia cair.

b. ??A Bovespa odeia cair.

c. \*Minha gramática odeia cair.

Com base em testes como esses, podemos estabelecer critérios para a definição dos verbos auxiliares em português. Pontes (1973), Lobato (1975) e Gonçalves (1992, 1996), que apresentaram estudos aprofundados das chamadas “locações verbais” em português, apresentam testes como esses, além de alguns outros, para estabelecer os “critérios de auxiliaridade” para o português<sup>7</sup>. Em PB, parece ser consensual que os seguintes verbos podem ser utilizados com o estatuto de auxiliar: *andar, estar, haver, ir, ser, ter* e *vir*.

Contudo, saber distinguir um verbo pleno de um verbo auxiliar não será nossa preocupação principal aqui. Na verdade, iremos apresentar regras gramaticais que descrevem adequadamente estruturas de sentenças com verbos auxiliares e estruturas de sentenças que apresentam construções com dois verbos plenos. O que nos interessa saber aqui é que os verbos auxiliares atuam como um **elemento funcional** na sentença e não como um elemento **lexical**, que apresenta restrições de seleção semântica e conteúdo proposicional. Por isso, a estrutura de uma sentença com a sequência **verbo auxiliar + verbo lexical** será diferente da

---

<sup>6</sup> Sobre núcleos lexicais e funcionais e sobre a s-seleção, cf. Miotto et al. (2004) e Othero (2009).

<sup>7</sup> Cf. também Perini (2000), que aplica um outro teste de auxiliaridade, baseando-se no “conjunto de traços de transitividade” (p. 180) de cada verbo. O teste consiste em saber se os efeitos de transitividade de cada verbo são respeitados na “locação verbal”: “Observa-se que qualquer traço de transitividade que valha para um verbo quando pertence a um predicado simples vale igualmente para esse verbo quando é parte de um predicado complexo” (p. 179).

estrutura de uma sentença que apresente a sequência **verbo lexical + verbo lexical**<sup>8</sup>.

Se estivermos frente a uma construção com dois verbos plenos, teremos duas projeções máximas desses elementos, ou seja, teremos dois VPs. Se estivermos lidando com uma sequência de verbo auxiliar seguido de verbo pleno, o auxiliar será tratado como um núcleo funcional, núcleo do **IP**<sup>9</sup>.

Para analisar sentenças com verbos auxiliares, elaboramos as seguintes regras gramaticais:

(a)  $IP \rightarrow DP I'$

(b)  $IP \rightarrow I'$

(c)  $I' \rightarrow I VP$

(d)  $I' \rightarrow I IP$

Como mencionamos, o núcleo I, como todo núcleo funcional, c-seleciona seu complemento. O complemento de I poderá ser um VP ou um IP. Vejamos a análise de algumas sentenças.

(9) João vai sair.

(10) João está saindo.

(11) João tem saído.

---

<sup>8</sup> Há quem diga – e com certa razão – que a distinção entre verbo auxiliar e verbo principal não é tão clara com tentamos mostrar aqui. Dutra (2003), por exemplo, aponta para um *continuum* entre o **uso** de um verbo como auxiliar ou como verbo pleno. Em uma frase como (a), a “locução verbal” pode ser gradativamente desfeita à medida que inserimos material linguístico entre o verbo auxiliar e o verbo principal:

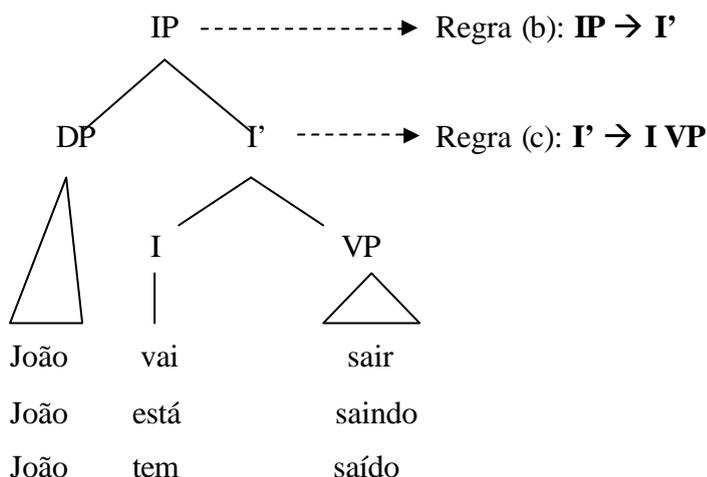
a. O João **vai arrumar** um armário quebrado amanhã na casa da Maria.

b. O João **vai** amanhã **arrumar** um armário quebrado na casa da Maria

c. O João **vai** amanhã na casa da Maria **arrumar** um armário quebrado.

Em (c), o auxiliar parece ter passado a expressar mais significação própria do que em (a).

<sup>9</sup> Os verbos auxiliares são considerados núcleo da projeção funcional **I(nf)P** desde Chomsky (1981). Apesar de ser um consenso em literatura sintática dentro do modelo de Princípios e Parâmetros classificar os auxiliares como núcleo de IP, há sintaticistas, como Gonçalves (1992, 1996), que tratam os auxiliares como núcleos do VP. Remetemos o leitor aos trabalhos da autora para ver suas motivações e seus argumentos em favor de sua análise.



O sujeito da sentença, o DP [João] ocupa a posição [Spec, IP], o verbo auxiliar ocupa a posição de núcleo de IP e o verbo (*sair, saindo, saído*) ocupa a posição de núcleo do VP.

Também é uma construção comum em PB uma locução verbal com dois verbos auxiliares e um verbo principal, como nos exemplos seguintes:

(12) Eu vou estar entrando em contato com a senhora.

(13) O João tinha estado contando suas piadas.

Essas frases são bem formadas em PB, porque a categoria sintática dos complementos dos auxiliares é respeitada. Vimos que, sendo um núcleo funcional, o auxiliar não tem restrições de s-seleção de seus argumentos. No entanto, como todos os núcleos funcionais, o auxiliar apresenta restrições de c-seleção que devem ser respeitadas. Os verbos auxiliares que mostramos anteriormente, por exemplo, se dividem entre três subcategorias de acordo com suas restrições seletivas:

- a) *ir* seleciona um VP com V infinitivo;
- b) *ser, ter, haver* selecionam um VP com V particípio;
- c) *estar, vir, ir, andar* selecionam um VP com V gerúndio.

Além das restrições de seleção de cada auxiliar, há em português uma ordem que deve ser respeitada. De acordo com Perini (2000, p. 75),

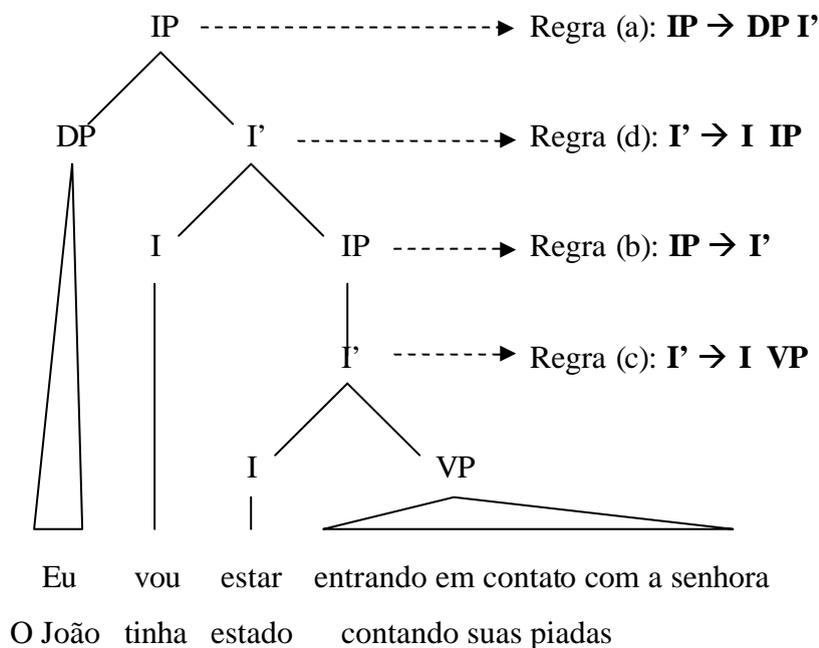
o predicado complexo é, pois, sempre composto de auxiliar (Aux) mais NdP ["núcleo do predicado", nosso V]; e pode haver mais de um auxiliar, posicionados sempre segundo uma ordenação rígida (...) (primeiro o auxiliar seguido de infinitivo,

depois o auxiliar seguido de particípio e, por último, o auxiliar seguido de gerúndio). Se quisermos fazer uma frase utilizando vários auxiliares, teremos de atender às duas exigências acima formuladas: primeiro, a coocorrência de cada tipo de Aux com um de seus verbos auxiliares específicos; e, depois, a ordenação *infinitivo – particípio – gerúndio*. (Grifos do autor) (PERINI, 2000, p.75)

As sentenças (12) e (13) são bem formadas justamente por obedecerem a estes três fatores: (i) obedecem às regras gramaticais de boa formação em PB; (ii) obedecem às restrições de seleção categorial de cada auxiliar; e (iii) obedecem ao ordenamento entre os auxiliares. Vejamos as árvores sintáticas das duas sentenças:

(12) Eu vou estar entrando em contato com a senhora.

(13) O João tinha estado contando suas piadas.



Essas regras gramaticais nos permitem analisar sentenças com a construção **verbo auxiliar + verbo pleno**<sup>10</sup>. Antes de analisarmos as sentenças com a sequência de dois verbos plenos, passemos à análise da sentença simples em PB, com apenas um verbo principal (e em sua forma canônica).

<sup>10</sup> Não abordamos a questão de verbos auxiliares que têm complementação não-finita não imediata, como alguns modais e aspectuais (*ter que, ter de, estar a, começar a*, etc.). Não está claro para nós qual é a estrutura desses verbos, nem a natureza de seus complementos. Para alguns, a preposição exigida por esse tipo de verbo é parte integrante do verbo (cf. Burzio, 1986, Corso, 2002, Boff, 2003); para outros, ela é um núcleo funcional do complemento do verbo, desempenhando aí diversas funções (cf. Raposo, 1989, Gonçalves, 1996, Lunguinho, 2008a,b, a sair). Remetemos o leitor a essas referências para discussão. Lunguinho (2008b) traz um bom panorama do problema.

### 3 Sentenças simples

A sentença simples é aquela que apresenta apenas um verbo, em posição de núcleo do VP. Antes de passarmos às regras gramaticais e às nossas análises, vamos brevemente discutir sobre os **níveis** de representação sintática dentro do quadro teórico da Teoria da Regência e Ligação (GB, do inglês *Government and Binding*).

Dentro do paradigma gerativista e do modelo da GB, as sentenças são comumente analisadas em dois níveis de representação sintática: a **estrutura-P** e a **estrutura-S**. A estrutura-P é a estrutura de organização sintática **subjacente**, que antecede qualquer operação ou derivação sintática; é o nível que “codifica as propriedades lexicais dos constituintes da sentença (...) [, que] representa as relações argumentais básicas na sentença” (Haegeman, 1995, p. 304). A **estrutura-S** é o nível de representação sintática resultante dos processos de movimento e derivação sintática, é o nível que “reflete as estruturas mais superficiais da sentença; a ordem final dos elementos na sequência de superfície” (Haegeman, 1995: 305)<sup>11</sup>.

Nas análises que levam em conta esses dois níveis de representação sintática, o verbo é considerado núcleo de VP na estrutura-P, ao passo que um **morfema de flexão verbal** ocupa a posição de núcleo de IP, como mostramos com a análise da estrutura-P da seguinte frase<sup>12</sup>:

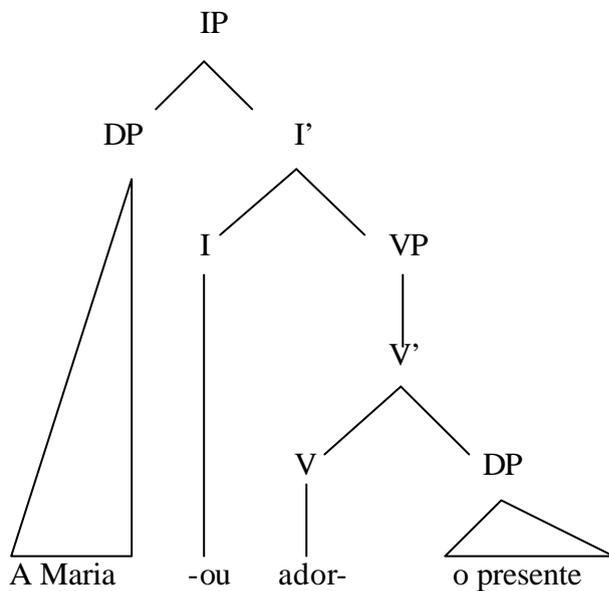
---

<sup>11</sup> Trechos originais: “(...) encodes the lexical properties of the constituents of the sentence (...) represents the basic argument relations in the sentence”. Sobre a estrutura -P: “(...) reflects the more superficial properties of the sentence: the actual ordering of the elements in the surface string”.

<sup>12</sup> Não discutiremos aqui a divisão de IP em TP e AgrP por não ser importante para o ponto que iremos discutir. Não estamos adotando aqui a hipótese de que o sujeito da sentença surja na posição [Spec,VP] em estrutura-P. Esse ponto é irrelevante para nossa discussão.

(14) A Maria adorou o presente.

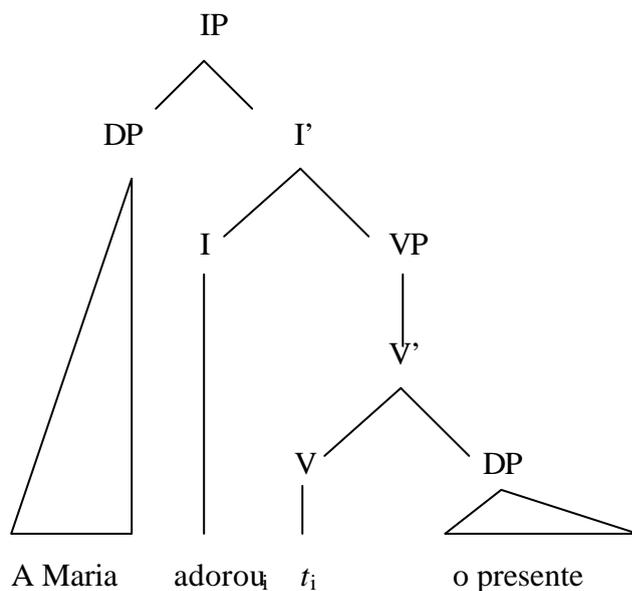
Estrutura-P:



A sequência acima, [**a, Maria, -ou, ador-, o presente**], no entanto, não pode ser pronunciada. Para que seja pronunciada, essa estrutura deve passar por uma derivação: o verbo deve mover-se para I e se unificar com sua flexão. Depois do movimento do verbo para I, obtemos a seguinte estrutura:

(14) A Maria adorou o presente.

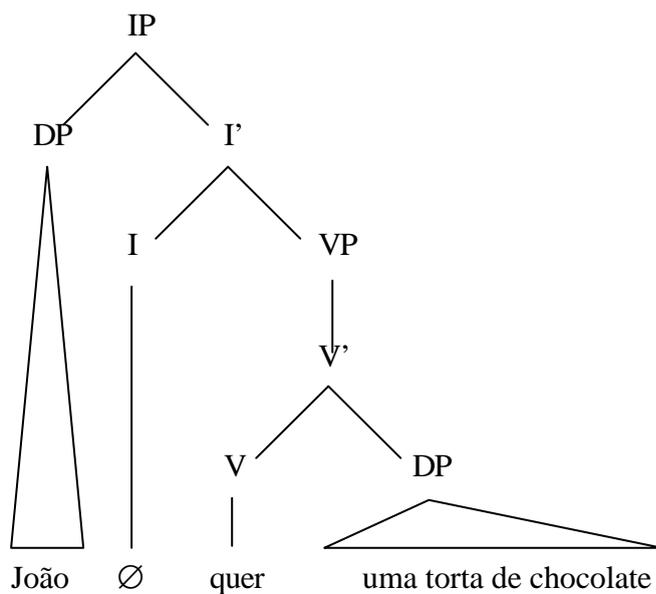
Estrutura-S:



Essa estrutura está mais próxima de sua forma pronunciada do que a anterior. Analisando a sintaxe de superfície da sentença, percebemos que o verbo se moveu de sua posição de núcleo do VP e passou a ocupar, juntamente com seu morfema de flexão, a posição de núcleo de IP. A posição de V, em estrutura-S, é ocupada pelo vestígio do verbo (*t*), coindexado a ele (*i*). O vestígio é um elemento vazio, foneticamente não-pronunciado<sup>13</sup>.

Isso acontece, evidentemente, quando há um morfema flexional verbal que esteja ocupando a posição de núcleo de IP. Vimos na seção anterior que, em predicados com a sequência **verbo auxiliar + verbo principal**, quem ocupa a posição de núcleo de IP é o verbo auxiliar. Também acontece que, às vezes, em sentenças simples, o morfema flexional do verbo é um elemento vazio, representado pelo símbolo  $\emptyset$ , como na sentença abaixo:

(15) João quer uma torta de chocolate.



Aqui, no entanto, estamos analisando a sentença do PB em sua ordem canônica e apenas em sua estrutura de superfície. Por isso, seguindo as análises da seção anterior, iremos

---

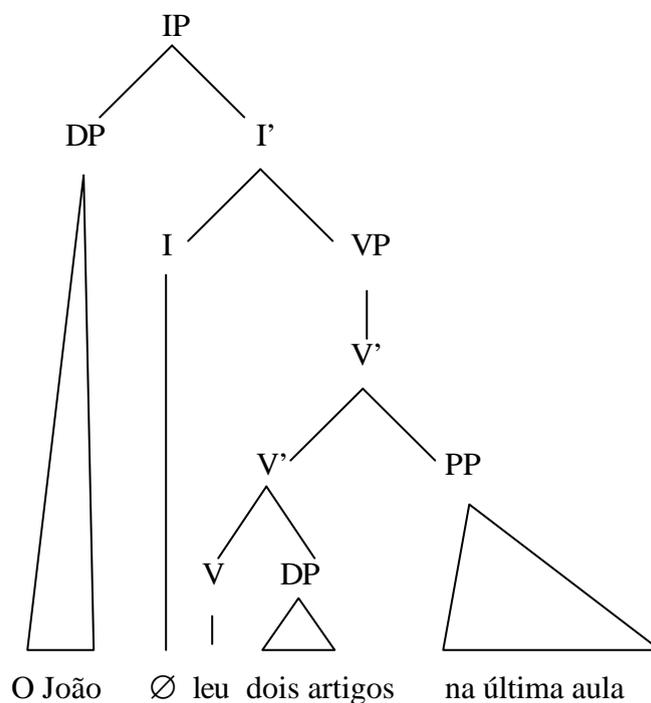
<sup>13</sup> Um argumento empírico que mostra que os vestígios de elementos movidos, apesar de não pronunciados, ocupam um lugar na estrutura fonético-fonológica da sentença é o que envolve o *wanna contraction* em inglês (cf. Lakoff, 1970, Chomsky & Lasnik, 1977, Pesetsky, 1982, entre outros). Em inglês, a contração do verbo *want + to* para formar *wanna* é comum em língua falada. Contudo, a contração torna-se impossível quando houver um vestígio entre o verbo e a partícula *to*, como acontece no seguinte exemplo:

- (a) I want **Mary** to drive me home.
- (b) **Who** do you want **t<sub>i</sub>** to drive you home?
- (c) \***Who** do you wanna drive you home?

considerar que o verbo (com sua flexão) ocupe a posição de núcleo do VP. A posição de núcleo do IP é ocupada por um verbo auxiliar, como já vimos, ou por um elemento vazio. O elemento vazio no núcleo do IP deve ser entendido como um morfema de flexão verbal, que, em nossas árvores, já aparecerá aglutinado ao verbo principal. Dessa forma, continuaremos a mostrar a análise sintática das sentenças em sua forma de superfície, em sua forma pronunciável.

Vejamos, então, a análise de uma sentença simples em PB:

(16) O João leu dois artigos na última aula.



Para analisar as sentenças simples, não precisamos elaborar nenhuma regra além daquelas que já havíamos apresentado. Para analisar sentenças simples com a ordem sujeito – predicado, precisamos apenas das regras já estudadas (a)  $IP \rightarrow DP I'$  e (c)  $I' \rightarrow I VP$ .

Vejamos a seguir a análise de sentenças que apresentam uma sequência do tipo **verbo pleno + verbo pleno**.

#### 4 Sentenças com dois VPs

Com base nos testes que mostramos na seção 1, verificamos que, além das “locuções verbais”, formadas por verbo auxiliar + verbo pleno, existem também sequências verbais que são compostas por dois verbos plenos, como vemos nos exemplos abaixo:

(17) João quer dormir.

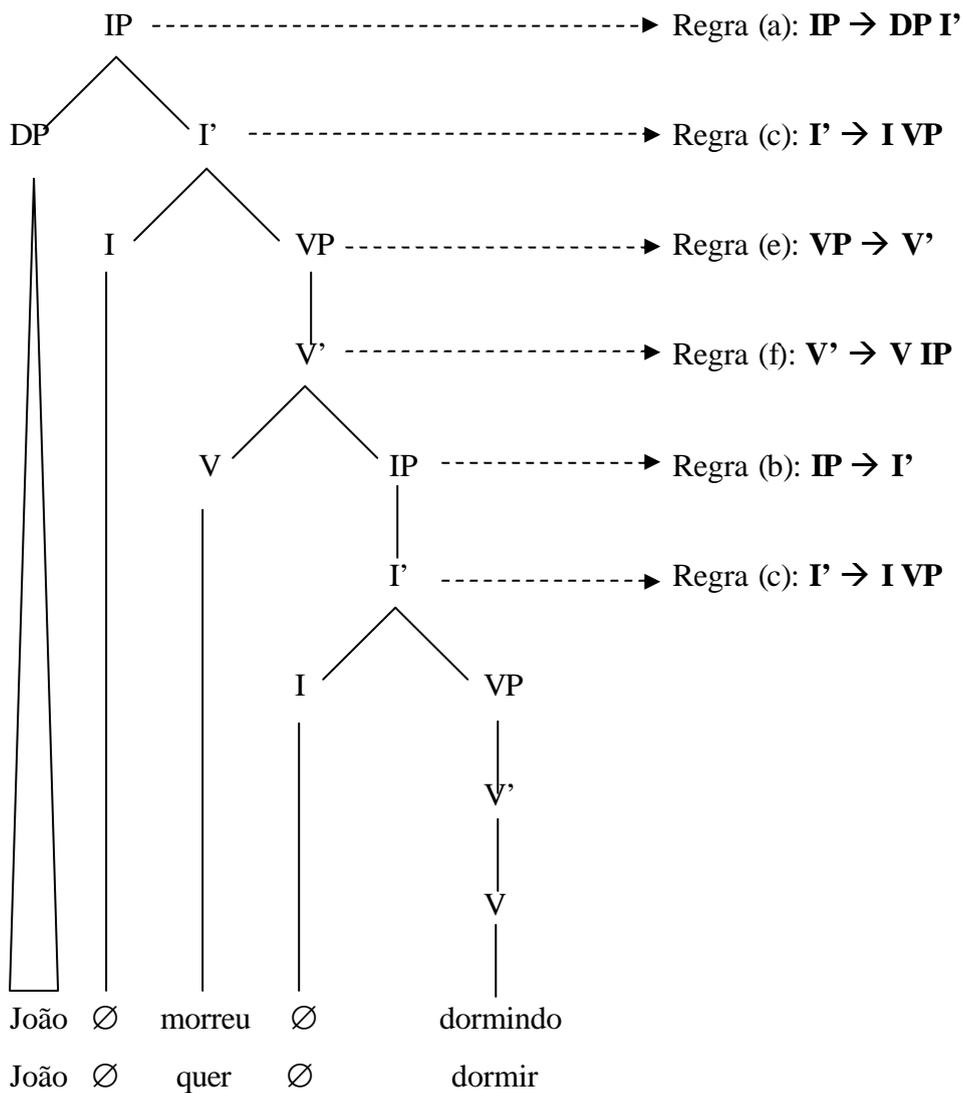
(18) João morreu dormindo.

Para analisar essas estruturas, consideraremos cada verbo lexical como núcleo de seu sintagma verbal. Além das regras gramaticais que já apresentamos, a gramática deverá conter também as seguintes:

(e)  $VP \rightarrow V'$

(f)  $V' \rightarrow V IP$

Essa regra formaliza a noção de que um IP pode servir como complemento verbal. Vejamos a análise das sentenças acima:



As duas sentenças que apresentamos acima servem de exemplo para o tipo de construção verbal que pode ser confundido com uma sequência do tipo verbo auxiliar + verbo principal. Da mesma maneira, essa mesma regra também pode analisar corretamente sentenças que apresentam um IP, flexionado ou não, com sujeito expresso em posição de complemento verbal, como mostraremos a seguir.

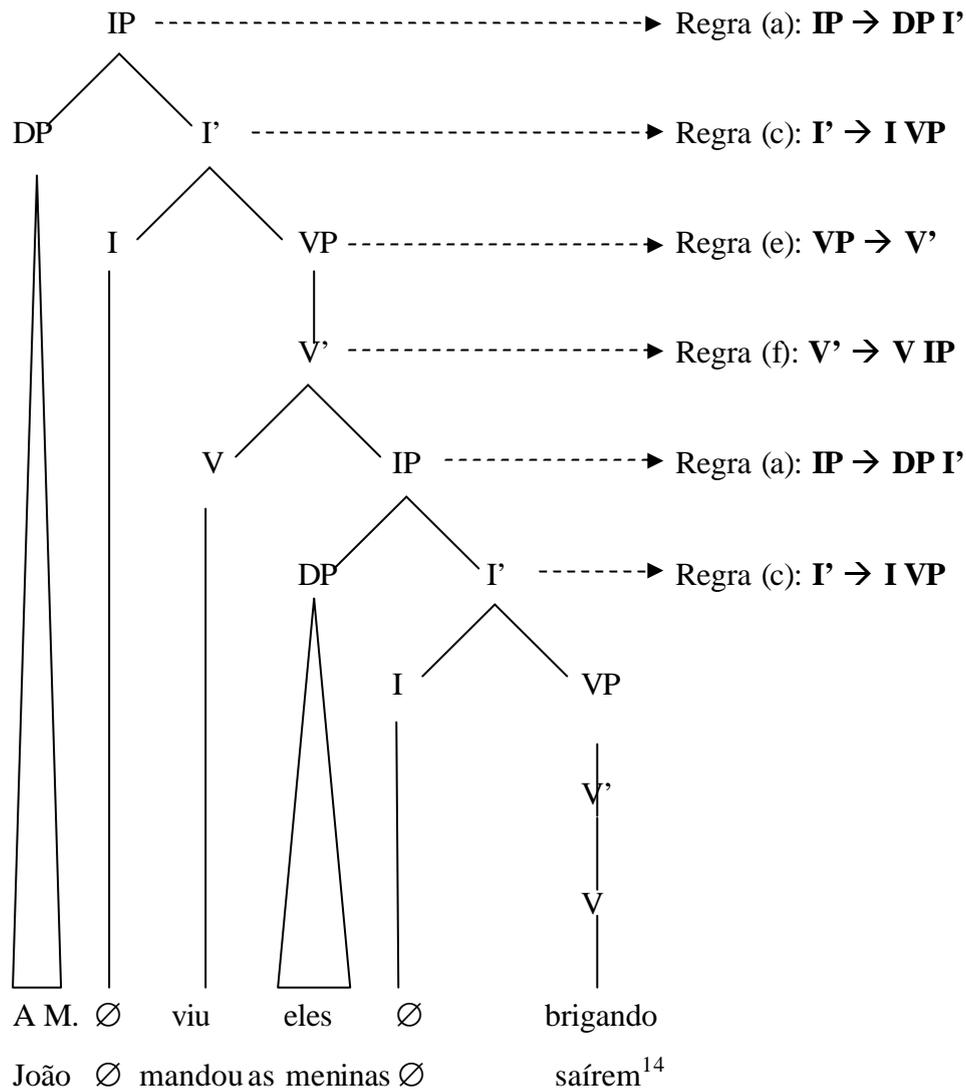
### **5 IPs e CPs como complementos do verbo**

Na seção anterior, vimos que um IP pode ser complemento de verbo em uma estrutura complexa quando temos dois verbos plenos no predicado da frase. Em português, pode acontecer também que o complemento do verbo seja uma oração (um IP) com sujeito em posição de especificador, [Spec, IP]. Isso pode acontecer com IPs gerundivos, como (19), ou IPs infinitivos, como (20).

(19) A Maria viu eles brigando.

(20) João mandou as meninas saírem.

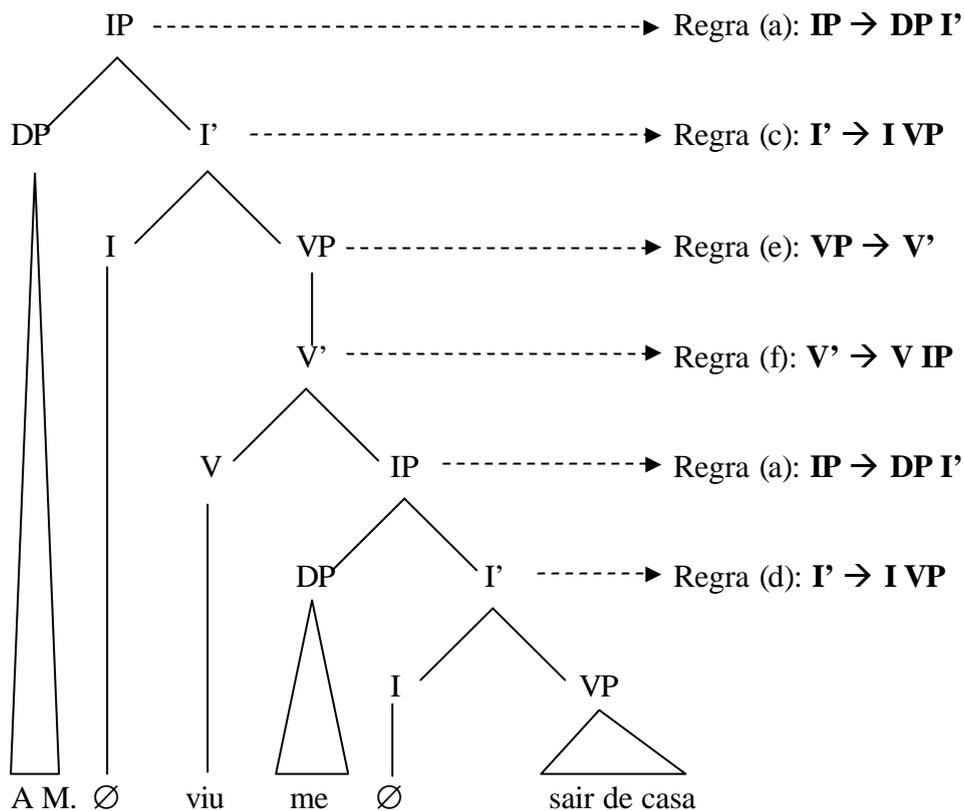
As regras gramaticais que apresentamos até agora dão conta da análise desses tipos de sentença em PB. Confira a árvore sintática a seguir:



Da mesma forma, podemos analisar sentenças com os pronomes em caso morfológico acusativo e com o verbo infinitivo não flexionado, como mostramos abaixo:

<sup>14</sup> Há autores, como Mioto et al. (2004) que sugerem que o complemento do V em frases como (20) seja um CP nulo (ou seja, um CP com o núcleo foneticamente vazio) que contém o IP. Não adotamos essa análise aqui por ser irrelevante à nossa discussão e por dificultar sem necessidade a análise sintagmática da sentença.

(21) A Maria viu-me sair de casa.



Em resumo: os complementos verbais oracionais podem estar em forma de orações infinitivas (flexionadas ou não) ou orações gerundivas. Ambos os tipos de complementos foram representados como IPs em posição de complementos verbais. Além de o complemento do verbo poder ser um IP, também as orações desenvolvidas, ou seja, também os CPs, podem ocupar essa posição. Vejamos os exemplos seguintes:

(22) João quer que a Maria chegue cedo.

(23) A Maria disse que chegará tarde.

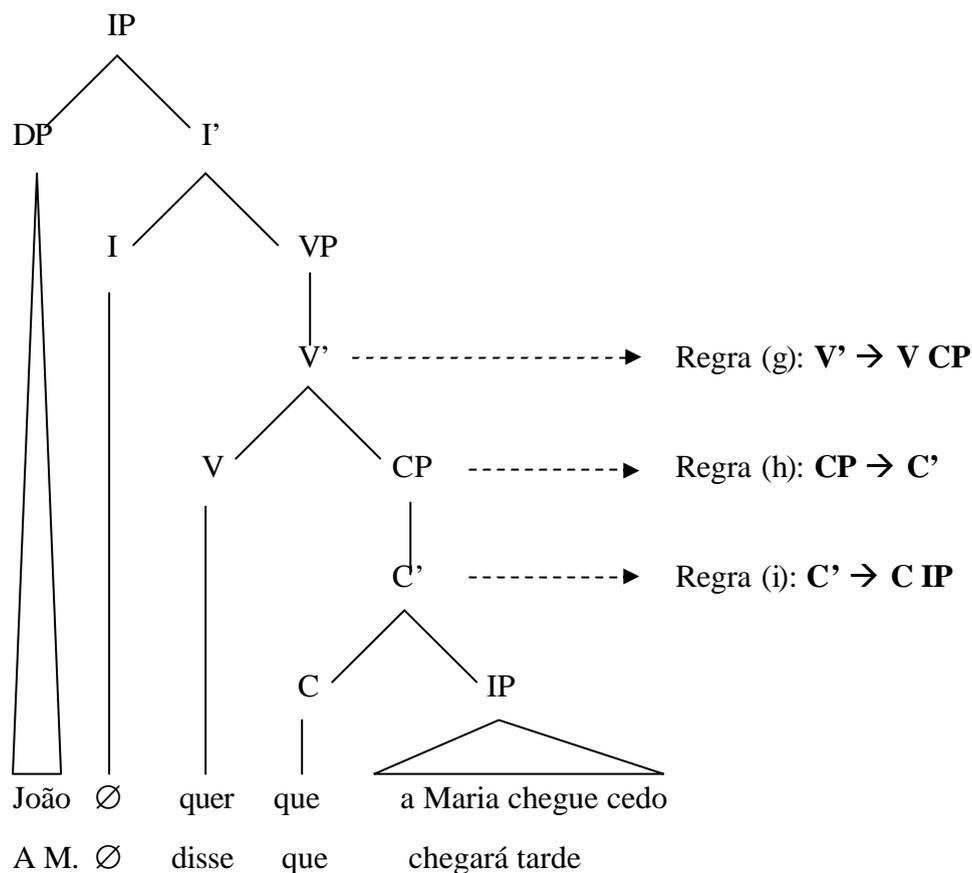
Para analisar esse tipo de sentença, elaboramos as três últimas regras que iremos apresentar aqui:

(g)  $V' \rightarrow V CP$

(h)  $CP \rightarrow C'$

(i)  $C' \rightarrow C IP$

Vejamos a análise das duas frases anteriores:



A posição de núcleo do CP será ocupada por **que**, **se** ou **quando** (como em *João sabe se a Maria lê bastante; João sabe **quando** a Maria chegou*). Com essas mesmas regras, podemos analisar também frases que contenham uma estrutura verbo auxiliar + verbo principal dentro do IP complemento (*A Maria disse que iria chegar mais tarde*) e frases com CP recursivos (*A Maria disse que o João falou que o professor avisou que nós deveríamos estudar mais*).

## 6 Considerações Finais

Neste artigo, apresentamos regras de reescrita para a descrição de algumas estruturas da sentença em PB. Nosso intuito foi o de formalizar algumas regras que pudessem, eventualmente, ser implementadas em uma gramática formal computacional (tal como apresentado em Othero 2006 e 2008). Estudando a estrutura da sentença de maneira formal, pudemos perceber que há algumas regras gramaticais que são produtivas na língua, justamente aquelas que tentamos elaborar para apresentar em nosso texto.

**Referências:**

BOFF, Raquel. *Em busca de uma análise sintático-semântica para construções com o verbo Começar no português brasileiro*. Paraná: Universidade Federal do Paraná, 2003. Dissertação de Mestrado.

BURZIO, Luigi. *Italian syntax*. Dordrecht: Reidel, 1986.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, Noam; LASNIK, Howard. Filters and Control. *Linguistic Inquiry*, 8, 1977.

DUTRA, Rosália. *O falante gramático: introdução à prática de estudo e ensino do português*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

GONÇALVES, Anabela. *Para uma sintaxe dos verbos auxiliares em português europeu*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992. Dissertação de Mestrado.

GONÇALVES, Anabela. Aspectos da sintaxe dos verbos auxiliares em português europeu. In: Gonçalves, A. et al. *Quatro estudos em sintaxe do português*. Lisboa: Colibri, 1996.

HAEGEMAN, Liliane. *Introduction to government and binding theory*. Oxford: Blackwell, 1995.

LAKOFF, George. Global rules. *Language*, 46, 1970.

LOBATO, Lúcia. M. P. Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critério de auxiliaridade. In: LOBATO, Lúcia. M. P. et al. *Análises linguísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975.

LUNGUINHO, Marcus Vinícius. A sintaxe diacrônica de ter de/ter que. *IV Encontro Nacional do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste*, 2008a.

LUNGUINHO, Marcus Vinícius. A sintaxe dos verbos auxiliares de complementação não-imediata. *VII Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul – CELSUL*, 2008b.

LUNGUINHO, Marcus Vinícius. *Verbos auxiliares e a teoria da gramática: morfossintaxe, aquisição e diacronia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, (a sair). Tese de Doutorado.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria C. F.; LOPES, Ruth. E. V. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.

OTHERO, Gabriel de A. *Teoria X-barra: descrição do português e aplicação computacional*. São Paulo: Contexto, 2006.

OTHERO, Gabriel de A. *A estrutura da sentença em português: uma descrição sintática formal com um “olho” na implementação computacional*. Porto Alegre: PUCRS, 2008. Tese de Doutorado.

**Letrônica**, Porto Alegre v.2, n.1,p. 210, jul. 2009.

OTHERO, Gabriel de A. *A gramática da frase em português: algumas reflexões para a formalização da estrutura frasal em português*. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

PERINI, Mário A. *Sintaxe portuguesa: metodologia e funções*. São Paulo: Ática, 1989.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 4ª edição. São Paulo: Ática, 2000.

PESETSKY, David. *Paths and categories*. MIT, 1982. Tese de Doutorado.

PONTES, Eunice. *Verbos auxiliares no português*. Petrópolis: Vozes, 1973.

RAPOSO, Eduardo. P. *Teoria da gramática. A faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.